

MARCIA FERNANDES CAMPOS

A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA
NA FORMAÇÃO DO ALUNO DE PEDAGOGIA DA UNI-RIO

94/II

Rio de Janeiro

1994

CONFIDENTIAL

ORGANIZATION AND ADMINISTRATION OF THE
UNITED STATES DEPARTMENT OF COMMERCE

The Department of Commerce is organized into
four major divisions: Administration, Economic
Affairs, International Trade Administration, and
Manufacturing and Technology Administration.
The Department also includes the Bureau of Economic
Analysis and the Bureau of Census.

Director
Washington, D.C.

MARCIA FERNANDES CAMPOS

A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA NA FORMAÇÃO
DO ALUNO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNI-RIO

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como condição para a
obtenção do grau de Licenciatura Plena
em Pedagogia na Universidade do Rio de
Janeiro, orientado pela Prof^ª Dr.^a Lígia
Martha Coimbra da Costa Coelho.

Rio de Janeiro
novembro, 1994

Aos meus pais Antonio e
Fernanda e aos meus irmãos
Marcelo e Sergio

*Desconfiei do mais trivial
na aparência singelo
E examinei, sobretudo, o que
parece habitual
Suplicamos expressamente:
não aceitei o que é de hábito
como coisa natural,
pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada,
de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural
nada deve parecer impossível de mudar. B.
Brecht*

AGRADECIMENTOS

À Professora Lígia Martha pela orientação e paciência.

À Professora Rosa Maria Niederauer T. Cavalcanti, por ter-me apresentado à pesquisa, pelo exemplo de profissional competente, e pela ajuda.

À Professora Anna Rosemberg Moreira por seu carinho e apoio.

À Lizete Castro Pereira Nunes pela compreensão, críticas e sugestões.

Aos colegas da Pedagogia pela colaboração e boa-vontade na resposta aos questionários.

SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO	7
II - A PESQUISA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS	13
1. Pesquisa Princípio Científico e Educativo	14
2. Qualidade Formal e Política	24
III - A PESQUISA: SUA PRÁTICA NA UNI-RIO	27
1. Apresentação das Respostas	27
2. Análise dos Resultados	31
IV CONCLUSÃO	33
V REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

I - INTRODUÇÃO

Define-se Universidade como instituição que produz e difunde conhecimentos. São esses, inclusive, os princípios norteadores, no Brasil, das normas constitucionais que atribuem, à Universidade, as funções de pesquisa, ensino e extensão.

A eficiência da Universidade depende, entre outros fatores, do modo como se relacionam estas três funções. A qualidade do ensino nela ministrado não pode ser dissociado da valorização atribuída às atividades de pesquisa, que permitem a geração de conhecimentos, assim como das atividades de extensão, por meio das quais espera-se que a Universidade se vincule a outras instituições da sociedade, fornecendo-lhes pessoal qualificado, divulgando o conhecimento produzido e sugerindo políticas que tornem possível a implementação do saber.

Este trabalho limita-se à questão da pesquisa enquanto base do processo de formação educativa, forma de reintroduzir a adequação entre teoria e prática e meio de atingir a qualidade formal (domínio de instrumentos metodológicos, discussão e formulação teórica, construção de testes empíricos). Além disto, não se pode esquecer o papel da pesquisa universitária como contribuição para a qualidade dos cidadãos politicamente atuantes, conscientes e organizados como sujeitos sociais, que vivem e interferem em seu momento histórico. Para tornar possível esta proposta, formularam-se os seguintes objetivos:

- a) identificar que conceito têm os alunos de graduação em Pedagogia da Uni-Rio sobre as atividades de pesquisa;
- b) verificar se possuem experiência nesta atividade;

- c) averiguar se, como estudantes, possuem postura de pesquisadores “tendo aprendido a aprender”.

No decorrer do curso de Pedagogia, sempre ouvi falar em suas deficiências decorrentes da crise da educação, da falta de qualificação dos professores, e da deficiência dos Cursos em si.

Muito se discutia e muito pouco era realmente proposto como solução. Isso me fez refletir, pois não era possível continuar com a pura especulação: algo deveria ser feito.

Então resolvi estudar a questão da pesquisa. Na realidade, a minha experiência pessoal foi fundamental nesta decisão. Desde o terceiro período deste curso de Pedagogia que trabalho em pesquisa como bolsista de Iniciação Científica e, a partir do quinto período estagio, também em pesquisa, no IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), que é um órgão do Ministério do Planejamento.

Analisando esta trajetória, pude avaliar que as atitudes aprendidas enquanto pesquisava fluíam para os vários campos da minha vida acadêmica. Minha postura tornou-se mais crítica e inquieta, no bom sentido de querer sempre mais, de não me contentar com pouco.

Poucas são as pessoas que têm essa chance, principalmente na União, embora a lei 5540/68, que rege o Ensino Superior, seja clara ao determinar que este grau de ensino “tem por objetivo a pesquisa, o desenvolvimento das ciências, letras e artes e a formação de profissionais de nível universitário” (SAVIANI, 1987). As palavras de Saviani, aqui

citadas, colocam a questão da indissociabilidade entre o ensino e a pesquisa.

Foi assim, pensando em uma resposta e influenciada por minha experiência, que resolvi aprofundar a questão da pesquisa enquanto princípio científico e educativo, para o alcance da qualidade formal e política do professor.

Enquanto princípio científico e educativo ao incentivar a construção de conhecimento novo, o resgate da produtividade e criatividade que são partes necessárias ao processo político emancipatório visando à transformação da sociedade atual em uma sociedade mais justa, a pesquisa tem lugar muito importante na atuação dos estudantes de 3º grau. Em outras palavras, ela deve ser fomentada pelo

processo educativo, como postura de questionamento criativo, desafio de inventar soluções próprias, descoberta e criação de relacionamentos alternativos, sobretudo motivação emancipatória a partir de um sujeito que se recusa ser tratado como objeto. (DEMO, 1992, p.77)

A qualidade formal que, como foi dito anteriormente, é o domínio de técnicas, instrumentos e métodos, assim como a qualidade política, que é o exercício da cidadania plena, são metas alcançadas pela pesquisa. Isto se dá porque uma educação de qualidade, em termos instrumentais, é aquela que vai além da mera transmissão, cópia, ou reprodução de conhecimentos, para atingir sua construção, visando à emancipação do indivíduo e tornando possível o diálogo deste com a realidade em que está

inserido. O fundamental neste processo é tornar o cidadão consciente de seu papel social e político e de sua capacidade de transformação da realidade.

A metodologia proposta e os objetivos estabelecidos no projeto inicial deste trabalho, tornaram necessárias a elaboração e aplicação de um questionário para os alunos do Curso de Pedagogia, objeto do estudo a ser realizado.

Na elaboração deste questionário propuseram-se cinco questões diretamente relacionadas aos objetivos que se pretendia atingir, já explicitados no projeto inicial. A primeira e a segunda delas, a saber, *Já ouviu falar sobre pesquisa? O quê? e o que é pesquisa para você?*, visavam a alcançar o primeiro objetivo, isto é, o de identificar que conceito têm os alunos de graduação em Pedagogia da Uni-Rio sobre as atividades de pesquisa.

A terceira questão *Já trabalhou ou trabalha com pesquisa? Em caso negativo, gostaria de trabalhar? Justifique* foi estabelecida de acordo com o segundo objetivo, o de identificar se o aluno tem experiência nessa atividade.

A quarta e a quinta questões *Costuma ler a bibliografia recomendada pelos professores ou apenas lê os textos dados em sala de aula? Por que?* e *Você estuda freqüentemente ou apenas quando cobrado (prova, trabalho, teste, apresentação de seminário)? Por que?* - estavam relacionadas ao terceiro objetivo, o de averiguar se, enquanto estudantes, os entrevistados possuíam postura de pesquisadores, *tendo aprendido a aprender.*

Após sua elaboração, o questionário (cf. anexo 1 deste estudo) foi distribuído de acordo com a metodologia pré-estabelecida. Ao entrar na sala de aula, o pesquisador pedia a colaboração dos colegas e explicava o motivo de sua presença ali, que era o de preparar a monografia de final de Curso. Reforçava ser muito importante conhecer a opinião dos alunos a respeito da pesquisa e que, para isto, solicitava que respondessem àquele questionário. Distribuía, a seguir, os questionários. Este procedimento foi repetido nos oito períodos do Curso de Pedagogia, conforme quadro abaixo:

Período	número de entrevistados
Primeiro	8
Segundo	8
Terceiro	6
Quarto	8
Quinto	4
Sexto	5
Sétimo	6
Oitavo	6

Pelas dificuldades de tempo, estabeleceu-se uma amostra de 25% de alunos de cada período, o que somou um total de 46 alunos a serem entrevistados¹

¹ Deve-se ressaltar que também estava previsto entrevistar os professores das Disciplinas de Metodologia da pesquisa. Entretanto, devido ao pouco tempo disponível e à dificuldade de contactar estes professores, optou-se por trabalhar somente com as respostas dos alunos.

II - A PESQUISA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Lembro-me, ao rememorar minha trajetória em direção à pesquisa, do primeiro convite recebido para trabalhar em uma delas. Ainda no terceiro período, não fazia idéia do que estava por vir. Para falar a verdade, as únicas pesquisas que conhecia eram aquelas feitas para conhecer a preferência dos eleitores sobre candidatos a cargos políticos, ou, então, aquela das escolas de primeiro e segundo graus, onde, de um tema, você deve “desenvolver idéias”. Neste desenvolvimento, para escrever, entendia-se abrir a primeira enciclopédia achada, copiando tudo. Em geral, o professor contentava-se com isto.

Realmente demorei algum tempo para adaptar-me à nova situação. Estava habituada, a escolher o primeiro livro e usá-lo, mesmo que tivesse vários outros à minha disposição. E... pronto! Não abria mais nenhum. Na hora de escrever, o processo era o mesmo: eu lia determinado autor, copiava as definições dele e já ficava satisfeita.

Mas a história estava só começando. No quinto período do Curso, comecei a estagiar no IPEA. Após a entrevista de seleção, fui contratada para pesquisar sobre avaliação cognitiva. Mal cheguei e já tinha muito o que fazer, como visitar bibliotecas, ler e fichar textos (muitos em Inglês, Espanhol e Italiano).

A verdade é que, dando muito “duro”, os problemas foram sendo superados e o que é melhor, as relações entre o trabalho e a pesquisa

fizeram-se sentir em todos os campos do meu dia-a-dia. Isto porque *aprendi como aprender*.²

Apesar de ainda me sentir principiante neste caminho, optei por apresentar minha experiência por ser um exemplo do fato de a atividade de pesquisa desencadear uma mudança de comportamento, de atitude. É o caminho a ser seguido no resgate da qualidade formal e política tão necessária à educação brasileira, conforme já foi dito acima.

1. Pesquisa como princípio científico e educativo.

A pesquisa deve ser a base do processo de formação educativa. Para conseguir esse objetivo, é necessário derrubar alguns mitos em torno desta atividade e transformá-la em processo normal de formação histórica das pessoas, enquanto condição de conhecimento e domínio da realidade em que estão inseridas. Além disso, a pesquisa pode ter um outro grande papel, o de reintroduzir a adequação entre teoria e prática, atitude da qual os estudantes do curso de Pedagogia sentem muita falta.

Muitos se formam professores inseguros. Para tentar sanar este problema, é importante resgatar o papel da pesquisa para o professor. Isto porque o professor deve ser um cidadão dotado de independência, que saiba dialogar criticamente com a realidade.

² Este conceito de aprender a aprender teve origem no movimento da Escola Nova e foi resgarado por Pedro Demo. (Ver DEMO, 1992).

Além disso

Quem pesquisa tem o que comunicar. Quem não pesquisa apenas reproduz ou apenas escuta. Quem pesquisa é capaz de produzir instrumentos e procedimentos de comunicação. Quem não pesquisa assiste à comunicação dos outros. (DEMO, 1992, p.39)

Dentro desta concepção, a pesquisa é um instrumento fundamental na formação do professor que se deseja consciente da necessidade da competência.

Na Formação dos Professores, pesquisar deve coincidir com criar e emancipar, assumindo a atitude de elaboração própria, onde se dialoga criticamente com a realidade. Isto é importante, pois o que se vê são professores que estudam uma vez na vida, juntam alguns conhecimentos e passam a repeti-los através dos anos, aposentando-se da busca desaber. A pesquisa pode significar condição de consciência crítica, porque ela incentiva uma atitude de curiosidade em que se quer sempre aprofundar o estudo do mundo real, com o objetivo de conhecê-lo melhor e modificá-lo. Para tanto, é necessário alimentar a vontade de construir alternativas, através do incentivo à curiosidade e da criação de desafios.

Quando se trata da pesquisa numa perspectiva de senso comum, verifica-se a tendência de lembrar aquela pesquisa que se fez na escola, nos tempos da *cópia da cópia*, ou, então, daquela atividade feita por *cinco gatos pingados* que estão numa *torre de marfim*, e são *oniscientes* e *onipotentes* pois sabem tudo de estatística, metodologias e possuem todas as sofisticções técnicas...

O domínio dessas sofisticações não é ruim. O mal está na separação entre ensino e pesquisa, o que é marca característica da nossa vida científica e educativa. Nossas escolas estão cheias de exemplos de professores que apenas ensinam (aqueles aposentados do espírito de curiosidade), repetindo aos alunos o conhecimento copiado, aprendido há uns *duzentos anos atrás*. Fazem isso porque não dominam as sofisticações técnicas da pesquisa e porque fizeram a *opção* de só ensinarem.

De outro lado está o pesquisador exclusivo, aquele da *torre de marfim*, poderoso demais para dar aula. Este quadro reforça a separação entre teoria e prática. O pesquisador teoriza, teoriza, teoriza e fica a cargo dos *decisores* a intervenção sobre a realidade. Acontece que não se deve pesquisar somente para saber, pois tendo em vista que a pesquisa é um fenômeno político, ligado aos interesses de quem a produz e à realidade histórica em que está inserida, o pesquisador nunca é neutro, é o que se pode deduzir das palavras de Demo:

Como ator social, o pesquisador é fenômeno político que, na pesquisa, o traduz sobretudo pelos interesses que mobilizam os confrontos e pelos interesses aos quais serve. Donde segue: pesquisa é sempre também fenômeno político, por mais que seja dotada de sofisticação técnica e se mascare de neutra. Não se reduz a fenômeno político, mas nunca o desfaz de todo. Por isso vale dizer: sabemos mais o que interessa.(1992, p.14)

Realiza-se sempre a pesquisa norteada pelos valores do pesquisador e da sociedade, pois os incentivos a ela oferecidos e seu financiamento dependem de sua adequação ao que é considerado relevante pelas forças dominantes da sociedade.

Assim, quem ensina tem que pesquisar para se atualizar; quem pesquisa precisa ensinar para, deste modo, estar provocando alguma mudança, dando um retorno de seu trabalho para a sociedade. Aquele que só conhece a realidade, sem atuar sobre ela, já está tendo uma atitude política de ignorar as mazelas do nosso país e do nosso povo, contribuindo para a manutenção do *status quo*.

A pesquisa, desta forma, passa ser a busca do conhecimento e também atitude política, instrumento de acesso ao poder, atitude cotidiana de investigação diante do desconhecido e da sociedade, fazendo parte da prática e do processo de informação, processo que deve aparecer em todo o trajeto educativo que se pretende emancipador. Então, é necessário superar as condições atuais de ensino onde o professor é o *iluminado* (geralmente um grande repetidor) e o aluno é aquele ser passivo que ouve, copia, decora e faz provas. O professor deve elaborar ciência, deve saber manejar a sua emancipação e orientar o aluno também neste sentido.

A Universidade brasileira, com raríssimas exceções, parece ser pouco produtiva e criativa, representando muitas vezes um peso para a sociedade. Porém é uma instituição necessária, pois é um lugar de produção do saber e fornecimento de pessoal especializado. A pesquisa

deve ser um dos meios para devolver à Universidade a sua função na sociedade.³

Já o professor, dentro na perspectiva deste trabalho, deve ser pesquisador; alguém capaz de dialogar com a realidade, instigando seus alunos à curiosidade de elaborar ciência, com competência técnica (teoria, método, empiria e prática) e competência política (ser um cidadão no sentido pleno), sabendo estabelecer objetivos pertinentes e a melhor forma de alcançá-los.

Além disso, o professor deve ser um socializador de conhecimentos, no sentido de divulgá-los e motivar seus alunos a também adquirirem uma postura autônoma, de pesquisadores. Normalmente, o que acontece é que basta ser graduado em determinada área para ser considerado professor.

Pode parecer exigir demais, mas não é: o professor deve ter prazer em aprender sempre, procurar colocar-se como aluno, atualizando constantemente sua matéria.

Pode-se explicar e defender a proposta deste trabalho, dando um exemplo, mesmo que seja no sentido figurado. Imagine-se uma pessoa obesa, que deseja emagrecer. Decide tomar remédios para tirar o apetite, para alcançar seu objetivo. Emagrece. Quando suspende o uso dos medicamentos, torna a engordar. Agora, imagine-se esta pessoa obesa fazendo uma dieta baseada na mudança dos seus hábitos alimentares, através da reeducação. Tudo bem que ela terá orientação, mas a mudança partirá dela própria. Será uma modificação que ficará. A relação deste

³ Não se deve esquecer as outras funções da Universidade: o ensino e a extensão. A pesquisa, neste trabalho, é analisada separadamente, mas, na prática, deve se relacionar às outras duas funções.

exemplo com o trabalho está no fato de que o professor deve procurar uma mudança na postura de seus alunos, para que estes se tornem insatisfeitos com o que lhes é ensinado e busquem sempre mais, dialogando com a realidade.

O que se quer do professor é capacidade própria de elaboração e de recriar a teoria, transformando a prática e vice-versa, para isso é necessária a atualização constante, que faz parte da pesquisa. E a Universidade, para frutificar, deve ser fértil e, aí, entra, mais uma vez, a pesquisa.

Ainda que pareça difícil em nossa realidade adversa, onde as pessoas mal tem tempo para sobreviver, é preciso saber equilibrar a condição dos estudantes, para que a pesquisa consiga ambiente propício à formação do diálogo crítico com a realidade, ao questionamento processual como atitude científica básica, de insistir na elaboração própria.

Assim como na dieta, onde sem a mudança de hábitos alimentares dificilmente há emagrecimento, sem pesquisa não há ensino. Sem pesquisa o ensino é reprodução e imitação (de acordo com o exemplo: engorda-se tudo de novo!). Porém o que não se pode esquecer é que, para o professor, a razão de pesquisar, de rever a teoria é repensar a sua prática, o ensino. Uma atitude alimentando a outra,

o fato, porém, de que ensinar ensina o ensinante a ensinar um certo conteúdo não deve significar, de modo algum, que o ensinante se aventure a ensinar sem competência para fazê-lo. Não o autoriza a ensinar o que não sabe. A responsabilidade ética, política e profissional

do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática. (FREIRE, 1993, p.28)

Segundo Demo (1992) algumas exigências devem ser feitas ao professor:

- a) deve pesquisar;
- b) deve possuir domínio teórico, para ser capaz de dialogar com a realidade e propor alternativas, além de construir elaboração teórica própria;
- c) deve possuir habilidade de manuseio de dados empíricos;
- d) deve possuir versatilidade metodológica;
- e) deve possuir experiência prática, ser cidadão (ter qualidade política);
- f) deve saber analisar a realidade, propor alternativas e ainda ser capaz de estabelecer atitude de diálogo com esta;
- g) precisa construir conhecimento.

A situação do aluno não é muito diferente da do professor. O aluno vem do 2º grau acostumado a *colar*, decorar, fazer prova. Na Faculdade, seu comportamento não muda, ele tem um currículo que normalmente cumpre decorando, colando etc, etc... O aluno em geral não é orientado para elaborar e construir o seu aprendizado, pelo contrário, deve copiar e repetir. Igualmente, neste contexto, a aula não é vista como momento para troca de experiências entre alunos e professor, nem para orientação e debate. Dimensionada desta forma, ela pode muito bem ser substituída por uma mostra de vídeo, ou algum programa de computador.

De acordo com Demo(1992), para motivar o aluno, enquanto elaborador de sua aprendizagem, são necessárias as seguintes condições didáticas:

- a) indução do contato pessoal do aluno com as teorias, através da leitura, levando a interpretação própria;
- b) manuseio de produtos científicos e teorias, em bibliografia adequada e banco de dados;
- c) transmissão de alguns ritos formais do trabalho científico (métodos);
- d) cobrança de elaboração própria, de início um tanto reprodutiva, mera síntese, mas que aos poucos, se torna capacidade de criar.

Durante o Curso de Pedagogia, pouquíssimas foram as vezes que tive que elaborar alguma coisa própria. Em geral os trabalhos eram mera síntese de um artigo, ou livro.

É claro que existiram exceções. Alguns professores fizeram de suas aulas momento de debate, com base em textos que líamos e discutíamos, e finalizavam a matéria pedindo trabalhos que deviam ter a nossa crítica. Não era suficiente a leitura e repetição das idéias de outros, era necessário que houvesse uma *digestão*, de nossa parte, daqueles conhecimentos.

Vale, aqui, voltar a insistir na importância da pesquisa, pois esta aparece como um meio para a criação, pois durante o pouco tempo disponível no decorrer do curso de Pedagogia, é mais importante aprender a aprender, é melhor mudar a postura do que tomar medicamentos para emagrecer!...

A pesquisa entra como meio de produção do conhecimento, precisando dialogar diretamente com a realidade. Neste sentido a aula vai perdendo importância, à medida que surge o novo mestre que aprende por elaboração própria. Pode parecer utópico, mas é perfeitamente lógico que a Faculdade de Educação deva ser um lugar em que a atividade discente principal seja a própria elaboração de trabalhos científicos, de acordo com cada matéria curricular.

O professor deve ser pesquisador e orientador, de modo a motivar o aluno para encontrar saídas e saber *se virar*. Essa questão é muito séria pois o que normalmente se observa é que a Universidade não prepara o aluno para o mundo. Quando o aluno se vê fora da Universidade, sente-se inseguro, pois geralmente sai mal formado e, o que é pior, sem saber como fazer, pois não houve a mudança em sua postura.

A atitude de pesquisa pode ser fomentada através do processo educativo, do questionamento criativo, desafio de inventar as próprias soluções, de descobrir e criar relacionamentos alternativos, a partir de um sujeito autônomo e ativo, que busca caminhos emancipatórios.

No início de minhas atividades de pesquisa, o que realmente me perturbou foi constatar a dificuldade de pensar sozinha. Desejava escrever, queria debater, mas acabava, no máximo, repetindo as idéias de outra pessoa. Com o tempo, aprendi a valorizar minha opinião. Este processo representou o início de minha emancipação, quando comecei a me definir, a partir da reflexão sobre a teoria e a realidade. Fazia o Curso de Pedagogia sem muita convicção, sem ideais. Quando, de repente, me vi estabelecendo objetivos, metas e armando-me para alcançá-los.

O que aconteceu foi que comecei a recuperar espaço. E nesse processo de libertação, foi fundamental ver unidas as ações de educar e pesquisar, pois não existe cidadania desinformada, destituída de instrumentações técnicas para enfrentar a vida em sociedade, o que só se pode obter por meio da educação e da pesquisa.

Raiz da consciência crítica, questionadora, despertando a curiosidade e a inquietação, a pesquisa impede que o ato de ensinar seja concebido como domesticação do aluno.

É importante entender que transformação e mudança, no sentido que entendemos, dificilmente podem ser conseguidas por um pequeno grupo⁴.

A falta de uma postura crítica provoca o fenômeno que vemos hoje. Uns poucos pesquisam e constroem teorias e métodos que são levados para os Cursos de Pedagogia e Cursos de Formação de Professores. Os alunos, como de costume, *gravam* para, depois, quando estiverem exercendo a profissão, repetirem tudo o que ouviram. O resultado são, por exemplo, essas escolas que se dizem construtivistas e que, no fundo, fazem uma *salada de métodos* na cabeça de alunos e professores.

As atividades em sala de aula devem, também, ser repensadas, como já se viu anteriormente na presente monografia. Elas devem ser um momento de informação, para introduzir temas e unidades, para ouvir recados do professor e debates, não uma fala autoritária, vazia, formal, de alguém que apenas repete o que outros disseram. É essencial que a

⁴ A transformação aqui defendida envolve a educação e a sociedade. Envolve a educação no sentido de melhorar sua qualidade e a sociedade no sentido de torná-la mais justa. (Ver NUNES, 1994)

convivência com os alunos seja impregnada de estratégias de pesquisa, tão enfatizadas pelo professor Pedro Demo em seus inúmeros artigos sobre o papel da pesquisa na formação do educador.

2. Qualidade formal e política

Na formação e atuação do professor é necessário que haja qualidade formal e qualidade política, pois

a formação científica das professoras iluminada por sua clareza política, sua capacidade, seu gosto de saber mais, sua curiosidade sempre desperta, são dos melhores instrumentos políticos na defesa de seus interesses e de seus direitos. (FREIRE, 1993, p. 16)

A qualidade formal é a instrumentação técnica, que permite o questionamento formalmente lógico, bem sistematizado, argumentado da melhor maneira possível, elaborado rigorosamente, isto para garantir veiculação clara e contundente do questionamento.

A qualidade política aparece na necessidade de diálogo aberto irrestrito. Qualidade política se identifica com cidadania plena, pois

não é possível conceber o exercício dos direitos e deveres compreendidos no funcionamento de uma sociedade democrática, de caráter cada vez mais complexo, sem dispor de uma formação que permita o acesso aos códigos requeridos para a compreensão da cultura e do conhecimento humanos que é adquirida pelo processo educacional. Em suma, o acesso à

formação educacional de qualidade é relevante não só do ponto de vista econômico, mas também - e sobretudo - para o desenvolvimento de todas as potencialidades inerentes ao ser humano". (NUNES, 1994, p.161)

Segundo Demo (1992), algumas questões são relevantes no sentido de alcançar os objetivos acima propostos:

- currículo que fundamente a qualidade política, onde se incentive a interpretação da realidade;
- atividades de exercício da cidadania no espaço escolar, como eleger representantes de turma etc;
- garantia de espaço de atuação para complementações curriculares necessárias e recomendáveis;
- programações culturais para estabelecer contexto adequado da identidade cultural comunitária, como preservação dos patrimônios históricos ou como criatividade própria local.

Por meio destes pontos, a prática e a teoria se coadunam e a pesquisa adquire seu lugar político, além da instrumentação formal. A escola e a Universidade precisam parar e rever seus objetivos, questionando-se sobre que tipo de cidadão estão formando.

Como já foi dito, se o desejo é que o país se desenvolva, se transforme, esta modificação deve começar pelo povo. Este povo precisa saber criar suas próprias soluções e caminhos a serem seguidos. Para isso deve-se fomentar a consciência crítica, a autonomia.

O desafio da qualidade política está em fortalecer a iniciativa do aluno, sobretudo a organizada, como a criação de grêmios, a eleição de representantes e assim por diante...

Qualidade política não se faz sem qualidade formal, e vice-versa, porque a cidadania que interessa é a competente em termos de organização política e técnica.

III -A PESQUISA: SUA PRÁTICA NA UNI-RIO

Feitas as considerações constantes das seções anteriores, baseadas na revisão da literatura, passa-se a analisar e comentar as repostas obtidas nas entrevistas programadas no projeto inicial desta Monografia. Para efeito de apresentação, este capítulo divide-se em duas partes: apresentação das repostas mais significativas e sua análise.

1. Apresentação das Respostas.

De modo geral, as repostas os alunos do primeiro, segundo e terceiro períodos do Curso de Pedagogia da Uni-Rio foram semelhantes. Ao serem perguntados se já tinham ouvido falar sobre pesquisa, a maioria respondeu que ouvira muito pouco. Quanto à pergunta sobre o conceito de pesquisa, a maioria defini-a como uma coleta de dados sobre determinado assunto. Com relação à terceira pergunta, que procurava saber se os alunos já haviam trabalhado com pesquisa e se gostariam de o fazer, a maioria respondeu negativamente à primeira indagação e que gostaria de trabalhar, caso recebesse remuneração, se o assunto fosse interessante. Sobre a quarta e a quinta perguntas, que pretendiam obter dados relativos ao costume de lerem a bibliografia recomendada pelos professores, se esta leitura era realizada apenas em sala-de-aula e se estudavam freqüentemente, grande parte dos alunos respondeu que só lia os textos dados em sala-de-aula e que estudava pouco por falta de tempo.

Os alunos do quarto período, em sua maioria, responderam já terem ouvido falar sobre pesquisa e que esta servia para redefinir conceitos científicos, estando baseada em técnicas próprias e instrumentos especiais.

Alguns alunos deste período responderam, ainda, que viam a pesquisa como um tratamento de investigação de determinado assunto, feito sob critérios rígidos. No que diz respeito à terceira pergunta, os alunos, em geral, disseram que nunca tinham trabalhado em pesquisa, mas que gostariam de fazê-lo por considerarem esta atividade fundamental para a área da educação. As respostas às quarta e quinta questões tenderam à afirmação de que às vezes liam a bibliografia recomendada pelos professores para aprofundar seus conhecimentos a respeito de um determinado assunto, mas que isto, muitas vezes, tornava-se impossível pela falta de dinheiro e tempo; e que não se dedicavam mais aos estudos também por falta de tempo, restringindo-se à preparação de suas provas e trabalhos.

Os alunos do quinto período, de modo geral, responderam a primeira e a segunda pergunta dizendo que já tinham ouvido falar sobre pesquisa e que esta era uma maneira de se chegar a uma explicação melhor de determinado assunto. Quando perguntados se já tinham trabalhado em pesquisa e se gostariam de trabalhar, a resposta geralmente foi que eles nunca o tinham feito e que gostariam de trabalhar se tivessem mais tempo. No tocante à quarta e à quinta pergunta, que indagava se os alunos costumavam ler a bibliografia recomendada pelos professores, se apenas liam em sala-de-aula e se estudavam frequentemente, a maioria respondeu que lia apenas os textos dados em sala-de-aula, alegando falta de tempo, e que pelo mesmo motivo só estudavam quando cobrados.

Com relação às primeira e segunda questões, os alunos do sexto período, responderam, em geral, que já tinham ouvido falar sobre pesquisa e que se tratava de estudo aprofundado sobre um assunto. Quando os alunos foram perguntados se já tinham trabalhado em pesquisa, a maioria

disse que nunca trabalhara, mas que gostaria muito de fazê-lo. No que diz respeito às quarta e quinta perguntas, a maioria respondeu que não lia a bibliografia recomendada pelos professores, devido à falta de tempo, lendo apenas em sala-de-aula e quando fosse exigido para prova ou trabalho.

No sétimo período, os alunos, em sua maioria, responderam que já tinham ouvido falar sobre pesquisa e que ela era um estudo aprofundado sobre determinado assunto, afirmando também nunca terem trabalhado em pesquisa e que, no momento, não gostariam de fazê-lo devido ao pouco tempo disponível. A maior parte das respostas com relação às quarta e quinta questões confirmavam o que os alunos dos outros períodos também alegaram, isto é, que apenas liam os textos dados em sala-de-aula por falta de tempo e recursos financeiros além de estudarem apenas quando cobrados por trabalhos e provas.

Finalmente, no oitavo período, os alunos responderam que já tinham ouvido falar sobre pesquisa e que ela era uma forma de aprofundar conhecimentos sobre determinado assunto. A maioria afirmou nunca ter trabalhado em pesquisa, mas que apreciaria desenvolver esta atividade. Quanto às quarta e quinta questões, disseram que liam mais os textos dados em sala-de-aula, por falta de tempo, e que estudavam geralmente quando tinham alguma prova ou trabalho.

2. Análise das respostas.

Na análise das respostas obtidas, sobressaem algumas que aparecem de forma recorrente.

A primeira delas é a de que, nos oito períodos, a maioria dos estudantes nunca trabalhou em pesquisa, definindo-a como *um aprofundamento do assunto pesquisado*. No que diz respeito ao sétimo e oitavo períodos, fica também a dúvida de se, no final do Curso, aqueles que se encontram quase se formando, reconhecem o trabalho de Monografia como pesquisa.

Causa surpresa, ainda, o fato de que as Disciplinas ligadas à pesquisa (Técnicas de Estudo I e II, Metodologia Científica, Metodologias da Pesquisa I e II e Monografia I e II) não parecem ter atingido seus objetivos, já que os estudantes afirmam não ter exercido esta atividade, nem mesmo na sua forma mais simples que seria a de um estudo reflexivo, em diversas fontes, conduzindo-os a uma visão própria e crítica da realidade sócio-cultural e educacional brasileira.

Por outro lado, a afirmação de que gostariam de fazer pesquisa, caso fosse remunerada e/ou houvesse tempo disponível, reforça a idéia de que esta atividade ainda não se encontra integrada aos planos de estudo e à consciência intelectual dos futuros pedagogos.

Problema de grande importância é o que diz respeito à alegação de que os alunos não dispõem de tempo para a mais corriqueira das atividades estudantis, a de estudar. Pergunta-se, então, como preparar

professores que, durante seu tempo de formação, afirmam não poderem ler, refletir, criar e/ou estudar!...

Para o que se afirmou no parágrafo acima, uma possível explicação seria a dificuldade decorrente das condições de vida dos alunos de Pedagogia da Uni-Rio, que trabalham durante o dia e que saem diretamente de seus empregos para a Universidade. Este, certamente, é um desafio para professores e alunos que desejem resolver, com seriedade, o problema da qualidade de ensino da Universidade pública, que deveria prioritariamente destinar-se aos economicamente menos favorecidos. Neste mesmo rumo de raciocínio está a afirmação de que o aluno só estuda quando lhe é cobrado o resultado, numa demonstração de pouco amadurecimento do espírito universitário.

IV - CONCLUSÃO

A partir da pesquisa realizada com os alunos do Curso de Pedagogia da Uni-Rio e do embasamento teórico feito na revisão de literatura, pude constatar que o Curso de Formação de Professores, nesta Universidade, acaba constituindo mais um Curso de uma *escola de terceiro grau*. Isto porque são mantidas as características do colégio, onde predomina a repetição e a cópia, não desempenhando, a Universidade, o seu papel de lugar privilegiado de construção do saber.

O que esperar deste profissional?

Provavelmente irá se *aposentar* do estudo e da busca de conhecimento. Não é difícil imaginar que tipo de mestres, estes professores vão formar. Teremos mais alguns imitadores, que copiam e repetem...

Se estamos preocupados com o futuro do nosso país, temos que ficar atentos à educação, pois, se nada for feito, este país continuará na *mão* de quem sempre esteve, com o povo sendo manipulado. Se o que pretendemos é formar cidadãos conscientes, é necessário repensar seriamente nossos meios. Aí entra a pesquisa, que, como temos observado, permite ao educador recuperar aspectos de sua dignidade perdida. Aquele que se desenvolve na pesquisa não consegue mais voltar ao puro exercício do ensino em sala-de-aula. Este exercício, ligado à habilidade adquirida no pesquisar, é que transforma e redimensiona a aprendizagem.

Assim, através da proposta que redimensiona e valoriza o papel da pesquisa no dia-a-dia da Universidade, para seus alunos, o educador deixa de ser apenas o transmissor de conteúdos, passando, também, a orientá-los na procura do caminho que leva ao crescimento integral do cidadão pleno. Ao desenvolver seu próprio pensamento, por meio do exercício de seu raciocínio, os alunos, questionando e investigando as informações que lhes são oferecidas, tornam-se aptos a construir uma cidadania de qualidade.

Para finalizar, é necessário oferecer algumas sugestões nascidas da reflexão feita no decorrer do presente estudo.

Uma eficiente proposta de formação do educador, implica num Curso com currículo dotado de maior ênfase na pesquisa de forma a fundamentar a formação geral, comum a todo educador, instrumentalizando-o para a sua elaboração própria. O aluno, futuro professor, deve entrar em contato com a teoria, para conhecer a realidade e amadurecer a sua própria concepção de educação.

Outro problema que chama a atenção e pede para ser solucionado é o da Monografia de final de Curso. Sua intenção, de acordo com o que foi defendido neste trabalho, é totalmente válida, já que consiste em motivar o aluno a produzir um projeto teórico-prático de realização profissional, tratando-se de uma elaboração própria, na qual se demonstre o domínio teórico-metodológico e a condição de se realizar, na prática, o que foi aprendido durante os anos de estudo. Para isso, os dois últimos períodos não deveriam estar sobrecarregados de tarefas e, muito menos, prejudicados por obrigações pendentes de outros semestres.

Entretanto, o que acontece atualmente é que os alunos pouco produzem, realizando meras sínteses de artigos e textos o que não os prepara para o trabalho final, a ser realizado no último período.

Diante deste quadro, sugere-se que haja uma avaliação para redimensionar o significado de cada disciplina e da monografia em si, a fim de que o resultado final obtido seja condizente com os objetivos propostos pelo projeto do Curso.

V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Claudio de Moura. **A prática da Pesquisa**. São Paulo: Mc Graw Hill do Brasil, 1977.

CAVALCANTI, Rosa Maria N. T. **Iniciação Científica: questões atuais**.
In: UNI-RIO. Pró-Reitoria de pós-graduação, pesquisa e extensão.
Departamento de Pesquisa. **Anais da VI Semana de Debates Científicos da Uni-Rio**. Rio de Janeiro, nov. de 1992.

CHIZZOTTI, Antonio. **O Cotidiano e as Pesquisas em Educação**. In:
FAZENDA, Ivani (org.). **Novos Enfoques da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 1992.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. ed. Vozes. Petrópolis, 1993.

_____. **Pesquisa e Construção de Conhecimento: Metodologia Científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

_____. **Pesquisa: Princípio Científico e Educativo**. ed. Cortez. 3ª edição. São Paulo, 1992.

_____. **Qualidade e Modernidade da Educação Superior: discutindo questões de qualidade, eficiência e pertinência**. **Educação Brasileira**. Brasília, 13(27): 35-80, 2º sem.

FAZENDA, Ivani (org.). **Novos Enfoques da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 1992.

FELDENS, Maria das Graças Furtado. Pesquisa em Educação de Professores: antes, agora e depois? **Forum Educacional**. FGV. vol.7. n° 2. abril/junho 1983.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Professora Sim, Tia Não: Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'Água, 1993.

HÜHNE, Leda Miranda (org). **Metodologia Científica: Caderno de Textos e Técnicas**. Rio de Janeiro: Agir, 1992.

LÜDKE, Menga et ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

NUNES, Lizete Castro Pereira. A Qualidade do Ensino Fundamental: Diagnóstico e Proposta para a Ação Governamental. In: IPEA. DIPES-Diretoria de Pesquisa. **O Brasil no fim do século: Desafios e Propostas para a Ação Governamental**. Ipea, Rio de Janeiro, 1994.

SAAVEDRA, Silvia Maria Galliac. Pesquisa, Educação e Desenvolvimento: uma reflexão necessária. **Educação Brasileira**. Revista do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras. ano XI. n° 23. 2° sem. 1989.

- SAVIANI, Dermeval. **Política e Educação no Brasil: o papel do Congresso Nacional na legislação do ensino.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1987.
- SCHWARTZMAN, Simon. **Ciência, Universidade e Ideologia: a política do conhecimento.** 1981, Zahar editores, Rio de Janeiro.
- SILVA, Alberto Carvalho da. O Financiamento da Pesquisa na Universidade Pública. p.161-176. In. VELLOSO, Jacques (org). **Universidade pública: Política, Desempenho, Perspectivas.** Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- SOARES, William Gonçalves. O ensino com pesquisa: a importância da iniciação científica. In: UNI-RIO. Pró-Reitoria de pós-graduação, pesquisa e extensão. Departamento de Pesquisa. **Anais da VI Semana de Debates Científicos da Uni-Rio.** Rio de Janeiro, nov. de 1992.
- SOBRAL, Fernanda. FIGUEIREDO, Vilma. A pesquisa nas universidades brasileiras. In. VELLOSO, Jacques (org). **Universidade pública: Política, Desempenho, Perspectivas.** Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- VELLOSO, Jacques. Pesquisa Educacional na América Latina. Tendências, necessidades e desafios. **Cadernos de Pesquisa.** FGV. maio 1992, nº 81.
- WEBER, Silke. A produção recente na área de educação. **Cadernos de Pesquisa.** FGV. maio 1992, nº 81.

ANEXOS

Uni-Rio

Centro de Ciências Humanas

Escola de Educação

Curso de Pedagogia

Pesquisa: A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DA PESQUISA NA
FORMAÇÃO DO ALUNO DE PEDAGOGIA DA UNI-RIO.

nº do questionário: _____ data: ___/___/___ período: _____

1. Já ouviu falar sobre pesquisa? O quê?

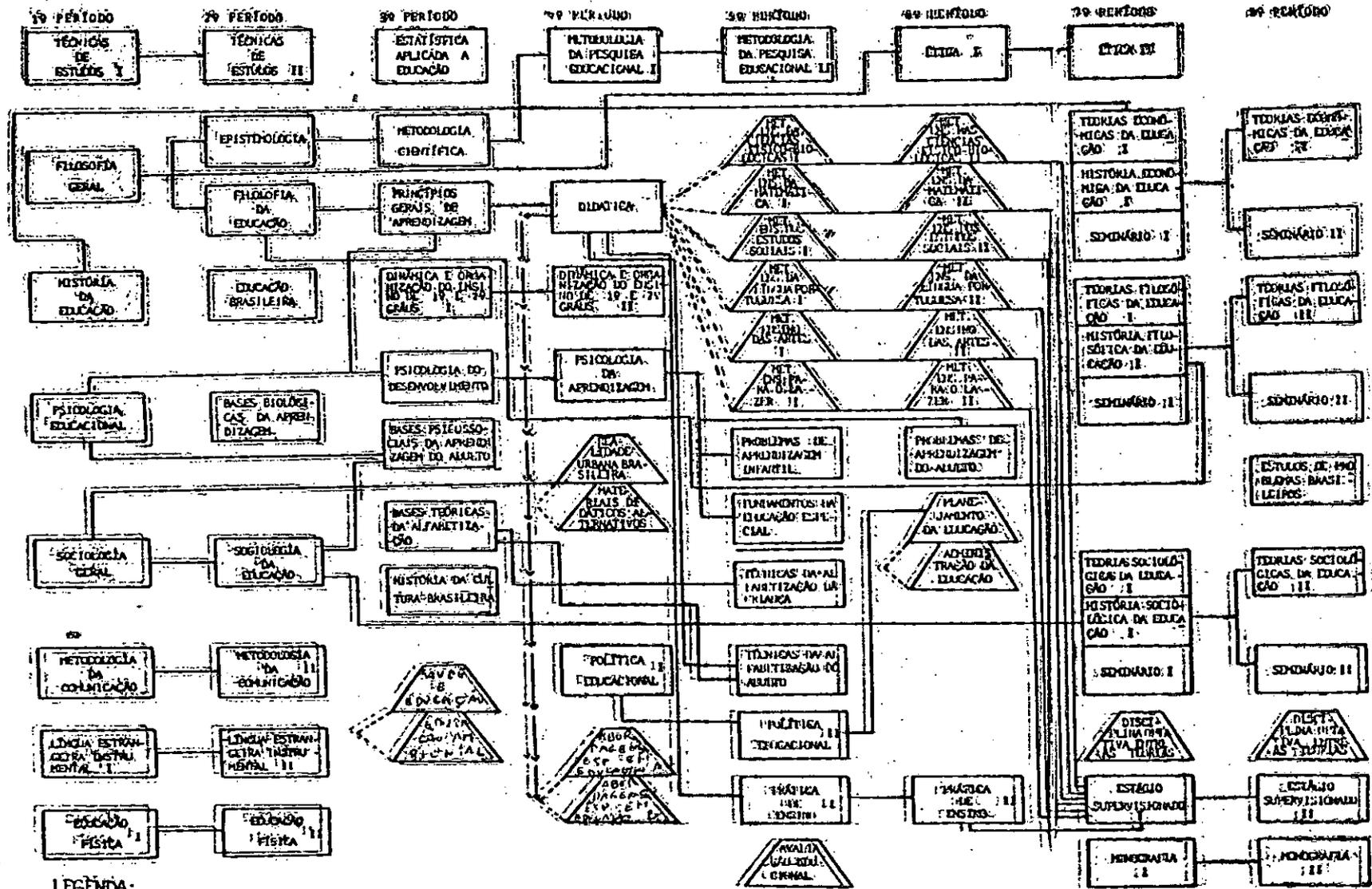
2. O que é pesquisa para você?

3. Já trabalhou ou trabalha com pesquisa? Em caso negativo, gostaria de trabalhar? Justifique:

4. Costuma ler a bibliografia recomendada pelos professores, apenas lê os textos dados em sala de aula? Por que?

5. Você estuda freqüentemente ou apenas quando cobrado (prova, trabalho, teste, apresentação de seminário)? Por que?

CURSO DE PEDAGOGIA



LEGENDA:
 — Pre-requisito
 - - - Escolha entre duas opções
 → Co-requisito